

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UM LAR ESCOLA PARA OS PEQUENINOS: OS INTERNATOS DA *UNEVANGELIZED FIELDS MISSION* NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL (1949 – 1970)

Elizânia Sousa do Nascimento¹

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

elizzania@hotmail.com

O texto apresenta reflexões sobre a formação educacional e religiosa oferecida em internatos constituídos pela agência missionária estrangeira, *Unevangelized Fields Mission* – UFM, em parceria com a Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil – AICEB, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Trata-se de três instituições que atendiam crianças e adolescentes nos níveis primário e secundário: o Internato Evangélico Amazônia, o Internato Maranhata e o Internato Betânia. O índice de analfabetismo dos Estados em que foram instaladas é a principal justificativa para a criação dessas instituições, cujo propósito, entre outros, era a formação de fiéis para a leitura da Bíblia. A documentação pesquisada permitiu observar que os objetivos traçados sobrepunham a formação religiosa e moral à educação formal oferecida nos internatos. As crianças eram, sobretudo, almas perdidas, carentes de salvação e vidas a serem moldadas segundo os preceitos cristãos. Em diálogo com a historiografia (PETITAT, 1994; DURKHEIM, 1995; ARIÈS, 1978) e, a partir de um gesto genealógico (FOUCAULT, 1979) apresenta-se a escola internato como um dispositivo resultante da conjugação de espaços e agrupamentos com instâncias discursivas e não discursivas, articulando práticas para a produção e organização dos sujeitos. Assim, saber, poder e subjetivação estão entrelaçados na constituição dessa instituição que também perpassa a história da educação brasileira.

Palavras-chave: Educação Protestante. Internato Evangélico Amazônia. Internato Maranhata. Internato Betânia. UFM.

O lema da Reforma Protestante que revela o entrelaçamento entre evangelização e educação – *ao lado de cada igreja uma escola* – sinaliza para o *éthos* dos vários protestantismos² fundados sob a leitura individual do texto bíblico. Assim, a empresa

¹ Professora Assistente I da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP.

² Daniel Tröhler propõe uma compreensão plural da Reforma Protestante, esta desdobrada de diferentes formas na Alemanha – a partir do pensamento de Lutero –, na Suíça – fundamentada em Ulrico Zwínglio

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

missionária protestante terá na educação, não apenas dos seus prosélitos, importante estratégia que se concretizará em influência social, cultural e política onde quer que seus tentáculos tenham sido lançados.

As primeiras escolas protestantes no Brasil localizaram-se no sul do país, a partir de 1800, e atuavam no atendimento aos filhos dos imigrantes alemães (DREHER, 1984). As escolas germânicas, em sua maioria, de origem luterana, podem ser situadas no chamado “protestantismo de imigração”, termo utilizado para designar a vertente que se estabeleceu no Brasil sem interesses proselitistas (MENDONÇA, 1990). É no chamado “protestantismo de missão”, ou evangelizador, que se encontra a história de difusão da educação protestante no Brasil.

Abertas a alunos de qualquer confissão religiosa, as instituições escolares do protestantismo de missão têm como marco historiográfico no Brasil tanto a organização do Colégio Internacional de Campinas, em 1869, quanto o início da Escola Americana de São Paulo, em 1870, instituição que deu origem à atual Universidade Presbiteriana Mackenzie (HILSDORF, 1977).

Constituídas inicialmente no sul e sudeste do país, posteriormente irradiadas para outras regiões, as instituições educacionais protestantes - Escolas Paroquiais, Escolas Indígenas, Colégios, Institutos, Internatos, Escolas Normais, Faculdades, Seminários Teológicos, entre outros espaços, foram organizadas à medida que a empresa missionária avançava em solo brasileiro e ratificavam a educação como importante estratégia de inserção cultural e de resistência nas disputas com o catolicismo. No ocaso do Império, sua proposta apresentava-se, em muitos aspectos, como modelo de educação necessária ao estabelecimento da República, sob um plano de inovação pedagógica mais adequado a uma sociedade que se reestruturava.

Sob a perspectiva historiográfica, a importância desse acontecimento educacional muitas vezes se constituirá mais sobre o que seus lampejos testemunham acerca da face escolar de uma época, das respostas que se inscrevem em meio à necessidade de escolas em tempos e lugares diferentes, das relações familiares e concepções de infância que os envolvem, do que sobre seus percentuais numéricos.

– e, ainda, uma terceira, a partir do pensamento de Calvino - essa mais difundida na Europa e profundamente mesclada, a partir do século XVIII, pela ideia de liberdade do pensamento zwingliano (TRÖHLER, 2013).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No Maranhão e Pará, de 1936 a 1955, a *Unevangelized Fields Mission* (UFM), agência missionária protestante de origem inglesa, estabeleceu uma significativa rede educacional atuando na vacância de um poder público ainda incipiente em oferta escolar. Além da educação indígena empreendida em aldeias desde os primeiros anos daquele século, cinco internatos foram organizados nas regiões Norte e Nordeste no interior da denominação religiosa Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil (AICEB). Juntos, esses internatos ofereciam desde a instrução em nível primário e secundário até a educação teológica, destinada à formação de líderes eclesiais nacionais. Resultado de um empreendimento educacional multifacetado que uniu diferentes nacionalidades, protestantismos e tradições escolares-pedagógicas, os vestígios dessas instituições possibilitam a constituição de uma narrativa que pode perspectivar diversas análises.

Inicialmente, o texto apresenta traços da constituição historiográfica sobre a conformação dos internatos no Ocidente. Em seguida, interessa-nos o diálogo com excertos de cartas e depoimentos que estabeleceram justificativas para a criação desses espaços e que apontam para a concepção de infância subjacente à formação ofertada. Ao gesto genealógico pretendido nesse estudo, acrescenta-se a compreensão alargada do conceito de documento trazido pela História Cultural, o que nos permitiu, por exemplo, o diálogo com cartas escritas por missionárias que trabalhavam nos internatos estudados sob a perspectiva do status documental por estas encerradas na atualidade (DAUPHIN; POUBLAN, 2002). O arquivo documental aqui acionado tem sido constituído em torno da pesquisa realizada sobre a atuação da *Unevangelized Fields Mission* no Brasil registrada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

Internatos escolares: espaços, saberes e práticas na constituição de uma instituição total

Goffman (1974, p. 11) define a instituição total “[...] como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. De fato, o isolamento com diferentes nuances de instituição

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para instituição, onde a vida durante um longo período passa a ser esquadrihada, governada, tutelada, são elevados a um grau exponencial na organização desse dispositivo³. Mais escola, mais convívio, mais tempo para o alcance dos objetivos propostos pelas instâncias de saber e poder que o organizam.

Émile Durkheim (1995) apresenta a trajetória do que se conformou historicamente como internato no contexto francês. Justificando a impossibilidade de oferecer datas precisas sobre a formação dessa instituição, o autor apresenta dois espaços organizados no início do século XIII que se encontravam ligados à Faculdade de Artes e que serviam como estalagens para estudantes: os *hospitium* e os *hospitia*.

Para ele, o agrupamento de estudantes, geralmente da mesma origem e que alugavam uma residência em comum, formando “[...] uma espécie de comunidade, com muita frequência com seus mestres, fazendo as refeições à mesma mesa e vivendo a mesma vida” (DURKHEIM, 1995, p. 106), foi chamado de *hospitium* - abrigo que procurava sanar a vida isolada e os perigos que esta trazia para meninos com idade geralmente entre 11 e 14 anos, provenientes de vários lugares para estudar nas grandes cidades europeias da época.

O funcionamento e organização da casa aconteciam sob um modelo de igualdade entre seus membros que escolhiam um principal “[...] cuja única autoridade era a que o grupo lhe delegava” (DURKHEIM, 1995, p. 107). Nesse momento, os estudantes ainda saíam para ter aulas com seus mestres fora do recinto em que moravam. Durkheim destaca que nestes agrupamentos ou colégios não se encontravam estudantes ricos e pobres - os primeiros, por possuírem seus próprios apartamentos e o acompanhamento de preceptores, e os últimos por não possuírem recursos para arcar com as despesas de um *hospitium*.

O surgimento do *hospitia* se deve exatamente à pobreza extremada de vários alunos que, para pagarem as despesas dos estudos, precisavam que se dedicar a todo o tipo de ofício. As *hospitia* eram estalagens que ofereciam alimentação e hospedagem para

³ [...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1995, p. 244).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alunos pobres bolsistas, financiadas por nobres e membros do alto clero desde o século XIII.

André Petitat (1994) assinala que, de simples casas de estudantes, os *hospitia*, entre eles está o que viria a ser a Sobornne, serão transformados progressivamente em estabelecimentos de ensino. Para Durkheim (1995, p. 109), “A instituição e o desenvolvimento dos *hospitia* de caridade ou colégios” que os aproximarão das universidades, ao mesmo tempo transformando-as, se fará sentir nas grandes transições da história pedagógica francesa. São mutações iniciadas no início do século XIV e que se estendem até a metade do século XV. Assim é que “As antigas funções dos *hospitia* passam para segundo plano, e as novas instituições imprimem desde logo outras características à vida dos estudantes”. (PETITAT, 1994, p. 77).

A Reforma do Cardeal de Estouteville no século XV constitui-se marco importante na transformação dos colégios, pois a partir desta, o aluno da Faculdade de Artes⁴ que antes poderia ter aulas com professores da sua escolha, passou a ser obrigado a escolher um único colégio e a ele permanecer ligado até o final dos estudos. No que se refere à constituição de uma hierarquia docente e disciplinarização discente, Petitat (1994) destaca que o *self-government* das corporações de estudantes que habitavam os *hospitium* e os *hospitia* dará, progressivamente, lugar à imposição da autoridade absoluta dos mestres, e as antigas multas cobradas diante das infrações cometidas serão substituídas por castigos corporais. Conforme Ariès (1978, p. 180), “Seria o governo autoritário e hierarquizado dos colégios que permitiria, a partir do século XV, o estabelecimento e o desenvolvimento de um sistema disciplinar cada vez mais rigoroso”.

Ao discorrer sobre a conformação histórica dos internatos no ocidente e também tomando como exemplo a educação francesa e a inglesa, Ariès (1962) apresenta uma diversidade de instituições que se inserem na constituição do que foi sendo reconhecido por internato: pensionatos anexos às faculdades, escolas licenciadas, pensionatos dirigidos por professores de carreira que cuidavam da formação dos estudantes, internatos resultantes da fusão deste último modelo com as escolas licenciadas.

Sobre as constituições discursivas que alicerçam a escola internato em seu modelo final, o autor conecta o surgimento dessas instituições a um crescente interesse e

⁴ O que podemos chamar de Ensino Secundário.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

reconhecimento da infância, enquanto etapa específica por parte das famílias, ao mesmo tempo que se constituem discursos sobre a noção de fraqueza das crianças aliada à responsabilidade moral dos mestres, antes, pouco interessados no comportamento de seus alunos fora da aula: “[...] o sentimento da particularidade da infância, de sua diferença com relação ao mundo dos adultos, começou pelo sentimento mais elementar de sua fraqueza” (Ariès, 1978, p. 181). Assim, o autor destaca que o sistema de internatos, quantitativamente extenso na França no final do séc. XVIII, correspondia à convicção de que era necessária a formação moral em um ambiente mais adequado para a infância.

As inegáveis semelhanças entre o internato integral e o sistema monacal colocou em evidência uma questão central para Durkheim (1995, p. 116): “O segundo não teria, pois, sugerido o primeiro? Não seria o internato integral um simples prolongamento da ideia monacal que ter-se-ia estendido, por um contágio natural, do domínio religioso ao domínio escolar?”. As matrizes das práticas pedagógicas modernas, dirá Noguera-Ramírez (2020, p 365), terão nos mosteiros medievais “[...] uma das condições de possibilidade para a emergência”.

Paralelo à conformação histórica do internato, cuja marca principal é o controle e autoridade exercida sobre os estudantes, outras importantes transformações pedagógicas acontecerão e transformarão completamente os espaços de educação formal. Modificações ocorreram no campo dos conteúdos que passaram a ser organizados em uma gradação sistemática resultando na criação de graus e classes. O conhecimento adquirido passou a ser continuamente examinado. Supervisionada, disciplinada e avaliada a vida no *collegium* do século XVIII pouco lembrava a fluida e dispersa formação nos séculos anteriores. Petitat (1994) assinala que na temporalidade dos colégios que vai se constituindo desde o século XVI encontraremos o surgimento de uma nova categoria etária – a adolescência. Os limites e diferenças constituídos entre adolescentes e adultos tornar-se-ão imprescindíveis ao processo de submissão dos primeiros *a um regime especial*.

O modelo de internato e as ideias modernas da educação serão magistralmente captados por iniciativas educacionais - tanto católicas como protestantes - na fundação de colégios que se espalharam na Europa e nos contextos das conquistas ultramarinas. Os *Irmãos da Vida em Comum* foram o primeiro grupo religioso a integrar essas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transformações em seus colégios e os movimentos da Reforma Protestante e Contrarreforma Católica os mais eficientes propagadores dessas mudanças. Assim, a divisão em classes, a seriação dos conteúdos, o esquadrinhamento do tempo com seus sinos, sinetas e relógios e a intensa avaliação do ensinado serão utilizados e organizarão as práticas de internatos escolares constituídos por ordens e denominações religiosas.

A partir desses traços, pode-se dizer que a escola-internato é um dispositivo resultante da conjugação de espaços e agrupamentos (estalagens, congregações de alunos) com instâncias discursivas (saberes sobre a infância e adolescência) e não discursivas (modelo monacal, clausura) articulando práticas para a produção e organização dos sujeitos. Saber, poder e subjetivação estão entrelaçados na constituição dessa instituição que perpassa também a história da educação brasileira.

Do primário à educação teológica: a rede de internatos da UFM no Brasil

O ano de 1936 constitui-se um marco na composição do quadro de internatos aqui estudados, pois nele, a *Unevangelized Fields Mission* criou em Barra do Corda - Maranhão o Instituto Bíblico do Maranhão - IBM⁵, com o objetivo de formar líderes religiosos nacionais. Funcionando em regime de internato e com um corpo docente estrangeiro, o objetivo inicial era formar brasileiros para converter os povos indígenas da Região Amazônica ao cristianismo (SILVA, 1997). Esse objetivo não foi atingido, pois os formados optavam pelo trabalho com a igreja de língua portuguesa, revelando negociações e redimensionamentos dos objetivos estrangeiros iniciais no campo da educação teológica desse contexto.⁶

Em 1949, outro internato, dessa vez para atender crianças e adolescentes, foi criado pela UFM no âmbito do campo religioso da AICEB. Trata-se do Internato Evangélico Amazônia, situado na ilha de Marajó, em Breves, Pará, que em seu auge chegou a atender mais de 100 crianças internas e externas (STONER, 1986). Quatro anos depois, em 1953, foi criado o Internato Maranata na cidade de Barra do Corda – Maranhão

⁵ Transferido no segundo semestre de 1954 para a capital, São Luís. Em seu espaço foi instalado o Internato Maranata.

⁶ Destaca-se, também, a proibição de permanência missionária entre os indígenas, a partir de 1943, por parte do governo brasileiro, que duraria até 1955.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que tinha por objetivo atender, em nível primário, aos filhos dos crentes que moravam em lugares onde não existiam escolas. Naquela mesma instituição, quatro anos depois, foi instalada a Escola Normal Regional Maranata. O objetivo era ofertar um ensino secundário que atendesse tanto aos egressos do curso primário do mesmo internato, quanto as crianças e adolescentes que terminavam o mesmo nível no Internato Amazônia e no Internato Betânia, última instituição constitutiva dessa rede. A Escola Normal objetivava também formar professoras missionárias que pudessem se engajar na alfabetização de crianças em lugares que já possuísem núcleos de prosélitos constituídos pelo trabalho evangelístico da UFM e da AICEB. Sobre a formação de candidatos para a liderança nacional a partir daquele secundário, dizia o missionário George Doepp em 1957: “O futuro do nosso trabalho no Maranhão depende do que fizermos com a educação secundária. Se vamos ter pastores bem preparados e líderes do povo são questões indispensáveis.” (REPORT ON SECUNDARY...1957, p. 2 - tradução livre).

No ano de 1954, o Instituto Bíblico de Abaetetuba, Pará, foi criado no âmbito da educação teológica da UFM/AICEB. A finalidade era formar evangelistas nacionais para o trabalho com as populações ribeirinhas do Amazonas. Segundo Charles Stoner:

O Instituto funcionou com programa residencial, como internato, durante dez anos. Nos anos sessenta, o programa do ano letivo foi descontinuado e um curso de extensão que aproveitava as mesmas dependências do Instituto durante um mês de cada ano, foi estabelecido em seu lugar. (STONER, 1987, p. 23).

O Internato Betânia foi criado em 1955 e é outro sustentáculo de uma rede educacional criada para sanar a formação educacional e cristã no contexto da denominação protestante já apresentada, a AICEB. As duas missionárias, Florence Hough, canadense, e Marilyn Woodworth, norte-americana, são destacadas pelos registros históricos da denominação como fundadoras dessa instituição (SILVA, 1997).

Destaca-se que neste quadro não aparece outro importante internato que compunha a rede educacional da UFM no Brasil. Trata-se de uma escola criada para os filhos dos missionários estrangeiros na sede da Missão, em Belém. A instituição direcionava sua proposta educacional tanto para filhos de missionários, na condição de internos, quanto para crianças e adolescentes americanos que moravam em Belém. Em 1965, instalada em uma nova sede devido ao seu crescimento, a escola passou a ser chamada de *Amazon Valley Academy* – AVA. Em 1974, passou a atender também a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

crianças filhas de missionários alemães e suíços, acrescentando o alemão à instituição que educava, até então, apenas em língua inglesa (STONER, 1987). Também encontramos o registro do funcionamento de um internato indígena que foi iniciado por missionários da UFM em 1946, em Betel, no rio Sumuru, Roraima. Segundo o documento, os missionários Neill e Mary Hawkins “[...] abriram um internato, contando com a ajuda da professora brasileira Edith Barros, substituída depois pela sra. Levina Lima” (MISSÃO EVANGÉLICA..., 1991, p. 1). Com apenas dois anos de funcionamento, o internato foi transferido para a *Baptist Mid-missions* e para a Igreja Batista Regular de Boa Vista.

Dessas instituições, o único que continua existindo é o Seminário Cristão Evangélico do Norte, em São Luís, MA, formando homens e mulheres para a ocupação de cargos clericais, principalmente no interior da AICEB. O Internato Amazônico funcionou de 1949 a 1964; o Internato Maranata, de 1952 a 1970. O Internato Betânia, em Cururupu, MA, funcionou de 1955 a 1971. As três instituições contaram com nove anos de funcionamento simultâneo. O encerramento das atividades educacionais nesses espaços está relacionado à impossibilidade de continuidade do custeamento financeiro pela missão e ao crescimento da oferta educacional pública (STONER, 1987).

Treinando crianças para Cristo

Como aquela casa estava imunda! Como aquela gente estava envolvida nas trevas da ignorância!

Bem podia algum... algum... bem, algum... missionário, ou alguém, seja quem for, dar início a um lar e uma escola para ensinar aqueles que quiserem conhecer o Senhor, e tornar possível que alguns desses pequeninos tenham uma vida melhor que seus antepassados tiveram. (CUNNINGHAM, 1964, p. 36).

Dentre outras mudanças, foi considerado adequado abrir um novo lar para crianças no estado do Maranhão para os filhos dos crentes brasileiros, cujas vilas não proporcionam meios de educação. (MILLS, [correspondência] 24 jul. 1952 - tradução livre).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A necessidade de uma escola para as crianças que viviam em vilas de pescadores circundantes onde não haviam escolas... (PARKER, Entrevista escrita, 1985 - tradução livre).

Entre outros aspectos, os excertos acima chamam a atenção para a variedade de nacionalidades envolvidas no projeto educacional da UFM no Brasil. A documentação pesquisada destaca que missionários de várias origens - Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Austrália - faziam parte do cotidiano desses internatos ao lado de brasileiros que também eram professores e funcionários. Sobre a missão estrangeira recaía a responsabilidade financeira das instituições, o que pode nos guiar a hipóteses sobre as relações de poder instaladas.

Desses encontros, crianças e adolescentes eram escolarizados a partir de modelos com características próprias. Suas marcas giravam em torno de uma educação formal cuja base curricular era nacional; no entanto, quando vista sob uma perspectiva cultural, torna-se coerente afirmar que a mesma era síntese dos vários encontros desses mediadores, cada um representando seu lugar de origem. Conflitos, negociações e sínteses originais aguçam a investigação sobre esses espaços.

A narrativa da missionária norte-americana Rosemary Cunningham no primeiro excerto apresenta traços do seu olhar sobre as condições de vida dos ribeirinhos a quem ela evangelizava, características que justificariam a criação de um lar-escola para crianças daquela região. A impossibilidade de uma constituição discursiva solitária torna a voz da missionária um eco que é resultado não apenas do seu presente, mas de séculos de entrelaçamento do protestantismo com a educação. Entre outras nuances, tomemos o fio que une educação e religião na superação do “pecado e superstição” e, com facilidade encontraremos as bases da educação reformada, um dos pilares da chamada racionalidade moderna. Assim, poderíamos dizer que é a partir de uma polifonia discursiva que a missionária americana reconhece na constituição de um “lar-escola-evangélico” a possibilidade de superação do imaginário místico dos nativos dos rios amazônicos: “Quando o povo é iletrado, certas crenças são transmitidas de geração a geração oralmente. Verifica-se que estão cheias de superstições e erros, que conduzem a práticas más, crueldades, temos e escravidão” (Cunningham, 1964, p. 35), dizia ela em outro momento da mesma narrativa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A espessura do excerto, no entanto, continua nos remetendo a outras perguntas: de onde vem essa naturalidade discursiva que entrelaça higiene, educação e religião? O que tornou possível esses acréscimos ao mote dos Evangelhos que animava a empresa missionária registrado no livro de Marcos 16:15, “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”? (Bíblia, Evangelho de Marcos, 16: 15).

Como se sabe, o livre exame proposto pela Reforma do século XVI, é, ao mesmo tempo, constituído e parte constitutiva de um contexto de eclosão do humanismo e do conhecimento científico. Faces de uma mesma realidade discursiva no que se refere à liberdade de consciência, no final do século XIX, o protestantismo, a partir da ciência justificará novos deslocamentos em seu escopo. Trata-se do chamado “Movimento do Evangelho Social”, cuja designação já sugere, na compreensão de Rubem Alves (2005), o programa hermenêutico do movimento.

Josiah Strong⁷, expoente do Evangelho Social no contexto estadunidense fala sobre a compreensão cristã que fundamentaria a teologia subjacente a esse movimento: a vida aqui e agora e o estabelecimento do Reino de Deus na terra.

O objetivo principal, direto e consciente das organizações religiosas têm sido trazer almas em relações corretas com Deus. Cuidar do corpo tem sido para o bem da alma. [...] As atividades mais recentes, no entanto, reconhecem a dignidade e o valor do corpo humano e a importância de suas necessidades. Os homens não estão olhando tão longe para encontrar Deus e o céu. A religião cristã está lidando menos com futuros e colocando mais ênfase no presente. Há menos desprezo pela terra para ganhar o céu, e mais esforço para trazer o céu para terra. [...] (STRONG, 1900, p. 12, 13 – tradução livre).

Fundamentada em uma nova compreensão teológica, resultado de sínteses com o avanço da ciência, Strong (1900, p. 16) complementa, “Novamente, a mudança nas atividades religiosas que foi apontada é devida em parte ao progresso da ciência, que revelou a interdependência do corpo e mente, e a influência do físico nas condições espirituais.”

⁷ Não deixa de ser emblemática as credenciais de Strong nos elementos pré-textuais do livro “Religious Movement for Social Betterment”: President of the League for Social Service, New York. Special Agent for the Department of Education and Social Economy for the United States Commission to the Paris Exposition of 1900. Se a elaboração teológica de Strong se dá a partir do seu pertencimento religioso protestante, sua atuação profissional se dá a partir da compreensão de que o governo humano poderia ser agente do governo de Deus na terra, atuando na intersecção desses dois reinos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Não nos interessa aqui discutir a adesão ou não dos missionários da UFM ao arcabouço teológico do Evangelho Social, mas apontar para transformações, dispersões e difusões que vão atualizando o enunciado evangélico-missionário o que, no excerto de Rosemary Cunningham, evidencia o entrelaçamento entre religião, educação e ciência via discurso higienista. Evangelizar as crianças ribeirinhas requeria educá-las o que redundaria em uma vida melhor da que seus antepassados tiveram.

Do segundo e terceiro excertos, se tomarmos como possibilidade de estranhamento a naturalização da necessidade de se criar escolas para as crianças oriundas de vilas que não ofereciam “meios de educação”, poderíamos encontrar não apenas a histórica ênfase protestante sobre a educação, mas também os resultados discursivos da chamada “sociedade escolarizada”. Para Depaepe e Smeyers (2016), já no final do século XIX encontrava-se consolidada a ideia de criança como ser educacionalmente orientado, cuja existência passou a ser cada vez mais estruturada a partir da condição de aluna. No Brasil, desde o final dos oitocentos, a educação fora acionada como amálgama de uma identidade nacional, moderna e republicana. No entanto, chegada a segunda metade do século XX, o acesso à escola pública, universal e gratuita ainda não se tornara realidade, verdadeiro obstáculo para uma religião fundada na leitura do texto bíblico.

O trabalho com crianças nesses internatos⁸ nos remete à possibilidade de diálogo com a interessante análise traçada por Sandra Corazza (2000) que estabelece como ponto de partida para os estudos dos discursos constitutivos sobre a infância no Ocidente as palavras de Jesus Cristo nos Evangelhos:

Vendo isto, Jesus se indignou e lhes disse: 'Deixai vir a mim as criancinhas, e não as impeçais, porque o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Eu vos declaro esta verdade: quem não acolher o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele'. E ele as abraçava e abençoava, e lhes impunha as mãos. (Bíblia, Evangelho de Marcos, 10: 13-16)

Corazza destaca as transformações ocorridas em torno do alto conceito conferido por Cristo às crianças – modelo de salvação para os adultos, pois inocentes - via deslocamentos e dispersões discursivas que as tornam participantes do pecado original, portanto, pecadoras. A autora argumenta que “O sistema de dispersão e difusão de tal

⁸ Escolhemos a infância para esse estudo, porém ressaltamos a presença de adolescentes no ensino primário das instituições, o que se justifica pela chegada tardia de alguns à escola, à época.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

discurso não terá poucos efeitos de verdade e de poder culturais sobre o infantil”. Assim, a conjugação da inocência-culpa das crianças,

[...] fixará a unidade do objeto "infância"; estabelecerá as formas de sua enunciação; determinará o sistema dos conceitos permanentes e coerentes que o colocam em jogo; e reanimará a permanência do tema "infantil", pela definição de um vasto campo de possibilidades estratégicas. (CORAZZA, 2000, p. 60).

O clássico texto de Comennius, *Didática Magna*, é apresentado por Corazza como ponto de inflexão para essa virada. Sua análise entrelaça a saudação introdutória que o educador moraviano faz às crianças, quando escreve sobre o texto de Marcos 10:13-16 para falar do seu exemplo de regeneração, e o relato da queda humana no Gênesis, da qual as crianças não escapam: "[...] as criancinhas têm todas as faculdades mais simples e mais aptas para receber os remédios que a misericórdia divina oferece para a cura das coisas humanas, em estado tão deplorável" (*apud* CORAZZA, p. 63). Eis o deslocamento anunciado e, conseqüentemente, a transformação da infância como objeto de reforma escolar. Educar as crianças seria medicá-las, preservá-las da degradação, da degeneração que lhes é intrínseca.

O programa educacional oferecido pelos três internatos da UFM não escapa a essa constituição discursiva e às práticas de um pastorado educacional a ser concretizado a partir de bases morais e religiosas. Neste sentido, a documentação aponta para uma degeneração já iniciada nas vidas das crianças atendidas: “É tão difícil para este povo ver que não é certo pegar o que não é deles”, dizia Eva Mills sobre as crianças do Internato Amazônia que haviam pego uma canoa alheia vindo dessa a desaparecer. Ao pedir orações para que mais crianças ribeirinhas fossem alcançadas pela instituição, a missionária falava na mesma carta sobre “[...] como pequenas vidas agora infelizes, tão cheias de sujeira, pecado e tristeza, ainda fora do internato, serão trazidas e transformadas pelo poder divino.” (MILLS, [correspondência] 18 jul. 1950 – tradução livre).

O remédio para as infâncias indisciplinadas e degeneradas que eram atendidas consistia em um programa que pretendia nada deixar escapar, que a tudo esquadrihava e velava: tempos, espaços, comportamentos e consciências. O que fazer para desenvolver o caráter cristão em meninos e meninas? Um folder do Internato Evangélico Amazônia (s.d.) destaca o seguinte desafio: “Observou-se que uma das maiores dificuldades da região era o desenvolvimento do caráter cristão dos meninos nas cidades devido

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

influências más que receberam nas ruas”. Ao falar sobre o disciplinado programa do Internato Betânia, a missionária Dorie Nielson o justifica: “Muitas crianças vinham de lares onde a disciplina era muito relaxada, eles foram ajudados a aprender a autodisciplina, receberam responsabilidades que pudessem cumpri-las.” (ENTREVISTA ESCRITA, 1985 – tradução livre). Em outro trabalho, a análise dos programas diários dos três internatos nos permitiu afirmar:

[...] a divisão do tempo nestes programas deixa claro sua centralidade: o dia deveria ser iniciado e terminado diante de Deus. O tempo de orações e leituras bíblicas, a vida completa para Deus, não era outra, senão a principal razão desses empreendimentos. (NASCIMENTO, 2019, p. 7).

A documentação sinaliza para um trabalho de formação ininterrupto sobre o cotidiano de meninos e meninas que se estendia aos sábados, com programas missionários, e aos domingos: dia de Escola Dominical e culto à noite. Desses internatos, lugares de guarda e proteção, os missionários olhariam para o mundo e nele veriam a corrupção que poderia fazer desmoronar a construção quase artesanal de uma infância para Cristo: “Daqui a duas semanas as férias começarão. Muitas crianças voltarão para seus lares onde as tentações serão severas.” (MILLS, [correspondência] 31 mai. 1953 – tradução livre). Assim, sob a proteção das orações de parceiros que estavam no outro lado do Atlântico, as crianças eram enviadas às suas casas, espaços nos quais a consistência do programa moral, religioso e educacional em que estiveram imersas por um semestre seria colocada à prova.

Considerações finais

O entrelaçamento entre história, protestantismo e educação tem se revelado campo fértil de reflexão e de pesquisas no campo educacional brasileiro, acrescentando novas nuances a um caleidoscópio já bastante complexo. A pesquisa empreendida até o momento sobre os internatos da *Unevangelized Fields Mission* no Brasil possibilitou-nos, com seus espaços e personagens plurais, alargar essa compreensão. Das existências efêmeras dessas instituições, restam-nos vozes que sinalizam para o entrelaçamento dos enunciados que circularam em seu interior a uma secular e diversificada rede discursiva sobre a educação e a infância e seus persistentes efeitos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fontes Consultadas

CUNNINGHAM, Rosemary. **Luar Amazônico**. Aventuras pioneiras com ricas lições espirituais. São Paulo: 1964.

DOEPP, George. **Report on Secondary Education for UFM in Brazil**. Belém, 1957.

INTERNATO EVANGÉLICO AMAZONAS. **Folder de divulgação**. Breves, s.d.

MILLS, Eva. **Carta**. Breves, PA. 18 jul. 1950.

MILLS, Eva. **Carta**. Barra do Corda, MA. 24 jul. 1952.

MILLS, Eva. **Carta**. Barra do Corda, MA. 31 mai. 1953.

MISSÃO EVANGÉLICA DA AMAZÔNIA. **Breve Histórico**. 1991.

NIELSON, Dorie. **Entrevista escrita concedida a Charles Stoner**, 1985.

PARKER, Ethel. **Entrevista escrita concedida a Charles Stoner**, 1985.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.

ARIÈS, Philippe. From day-school to boarding-school. In: ARIÈS, Philippe. **Centuries of childhood - A Social History of Family Life**. New York: Alfred A. Knopf, 1962, p. 269-287.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **E os pequeninos, Senhor?** Inocência e culpa na pastoral educativa. *Educação e realidade*, n. 25, v. 1, p.59-92, jan./jun. 2000.

DEPAEPE, Marc e SMEYERS, Paul. Educacionalização como um processo de modernização em curso. **Perspectiva**, Florianópolis, v.34, n.3, p. 753 – 768, set./dez. 2016.

DOUPHIN, Cécile, POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver Cartas familiares no século XIX In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Santos & MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs.). **Destinos das letras**. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

DREHER, Martin. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

DURKHEIM, Emile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HILSDORF, M. L. S. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo**: um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

MENDONÇA, Antônio G. e VELASQUEZ FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

NASCIMENTO, Elizânia Sousa do. Educação e religião entrelaçados na formação de internatos no interior do Maranhão e Pará: um projeto evangelizador. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação**. Universidade Federal do Pará. Belém, 02 a 05 de setembro de 2019.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. La educacionalización del mundo: una mirada genealógica de la modernidad. **Cadernos de História da Educação**, v.19, n.2, p. 360-376, mai./ago. 2020.

PETITAT, André. **Produção da escola. Produção da sociedade**. Análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, Abdoral Fernandes da. **Nossas raízes**: a história da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB). 2 ed. São Luís, 1997.

STONER, Charles. **A perspective on theological education in North Brazil**. Dallas Theological Seminary: 1986.

STONER, Charles G. **Indígenas, instituições e igrejas**: uma história da Missão Cristã Evangélica do Brasil – MICEB. UFM Internacional: 1987.

STRONG, Josiah. **Religious Movements for Social Betterment**. New York: The Baker and Taylor Co.: 1900.

TRÖHLER, Daniel. **Los lenguajes de la educación**. Los legados protestantes en la pedagogización del mundo, las identidades nacionales y las aspiraciones globales. Barcelona: Octaedro, 2013.